

## **O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte: PSICODIAGNÓSTICO NUMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA–EXISTENCIAL**

JÉSSICA RODRIGUES GOMES <sup>1</sup>; ÉDIO RANIERE <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - [je.rodrigues@hotmail.com](mailto:je.rodrigues@hotmail.com);

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas. – [edioraniere@gmail.com](mailto:edioraniere@gmail.com)

### **1.INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como escopo realizar um psicodiagnóstico fenomenológico existencial de um personagem fictício chamado Joãozinho do livro infantil “O Mistério do Coelho Pensante” de Clarice Lispector. O psicodiagnóstico fenomenológico será realizado com base no livro “O ser da compreensão: fenomenologia da situação” de Monique Augras, e será dividido em quatro eixos os quais encontram-se interrelacionados : o espaço, o tempo, o outro e a obra.

O psicodiagnóstico fenomenológico não procura enquadrar o indivíduo em um conjunto de categorias específicas que determinam as psicopatologias. Ao contrário disso, a fenomenologia buscar entender a construção de significado da existência do ser analisando sua forma de relacionar-se consigo mesmo e com todas as esferas do mundo ao seu redor no momento presente. Para tal, não abrangerá de maneira alguma a rotulagem comportamental do indivíduo e sim seu processo de subjetividade, o qual se constrói a partir das inter-relações, da capacidade de adaptação e do autoconhecimento como sujeito em si. Procura-se, dessa forma, a compreensão existencial do ser. Assim sendo:

O normal é aquele que supera os conflitos, criando-se dentro de sua liberdade, atendendo igualmente às coações da realidade. Patológico é o momento em que o indivíduo permanece preso à mesma estrutura, sem mudança e sem criação (...). O diagnóstico procurará dizer em que ponto de sua existência o indivíduo se encontra e que feixe de significados ele constrói em si e no mundo. (AUGRAS,1978,p.12)

Dito isso, é importante mencionar sobre o livro O mistério do Coelho Pensante, realizando um breve resumo da obra para melhor compreensão.

O Mistério do Coelho Pensante é uma história narrada pela própria autora, Clarice Lispector, que conta a história de um coelho que ela tinha em casa o qual pertencia aos seus filhos Pedro e Paulo. Abordando uma linguagem simples e íntima, a narradora usa como interlocutor seu próprio filho, Paulo.

O enredo tem como personagem principal o coelho, Joãozinho, que começou a inventar maneiras de fugir da gaiola na qual vivia. Para pensar, o coelho precisava franzir seu nariz diversas vezes até ter uma idéia que fizesse conseguir levantar o tampo da gaiola. Somente a partir das próprias experiências, realizadas fora da gaiola, ele é capaz de se tornar realmente um coelho pensante.

O mistério que ronda a história é como o coelho conseguia fugir da gaiola, pois somente um ser humano conseguia abri-la, nenhuma das crianças conseguia adivinhar como o coelho fazia isso, nem seu próprio dono. Assim, no decorrer do livro a autora, juntamente com o leitor, levanta questionamentos a todo tempo acerca do comportamento do coelho e finaliza proporcionando a possibilidade do imaginário de cada leitor ao se colocar no lugar do coelho pensante para entendê-lo.

## **2. METODOLOGIA**

Como já dito anteriormente, o trabalho desenvolveu-se a partir de um estudo teórico acerca da Fenomenologia Existencial no campo do psicodiagnóstico. Vale ressaltar que psicodiagnóstico fenomenológico consistiu em observar e compreender as vivências do personagem em sua totalidade, explicitando seus processos de significação existencial como construção de seu ser com relação aos quatro grandes dimensões que transcendem a existência: o espaço, o tempo, o outro e a obra. Não coube, em nenhum momento, categorizar o indivíduo em padrões estabelecidos, visto que procurou-se entender sua subjetividade existencial perante as circunstâncias de sua vida.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Podem-se enunciar diversas facetas de como o personagem protagonista se relaciona com o conceito de Espaço, Tempo, Outro e Obra na perspectiva fenomenológica. É imprescindível ressaltar que “as dimensões do espaço são criadas a partir das extensões do corpo. O ser é o seu centro. O espaço é aberto e orientado pela movimentação do ser dentro do mundo” (AUGRAS, 1978, p.39). Desse modo, o espaço constitui-se na maneira pela qual o indivíduo se relaciona com seu corpo e com seu meio, sendo que o equilíbrio do ser encontra-se em si próprio e o mundo exterior torna-se uma extensão de si. Por isso, percebe-se a importância da relação do sujeito com seu meio.

Joãozinho vive em uma gaiola na casa de seu dono, Paulo. Dentro dessa gaiola, Joãozinho realiza suas tarefas diárias como comer, dormir e brincar, e permanece sozinho ao longo do dia, com exceção de quando Paulo e seus amigos vão brincar com ele. Além disso, necessita da intervenção de outros para obter comida e não pode sair. Nesse contexto, é possível observar que o coelho tem sua territorialidade caracterizada pela gaiola, espaço o qual ele tem suas vivências, porém, não tem controle e nem pode exercer sua individualidade sobre tal, pois a mesma pode ser invadida e manuseada pelas pessoas ao seu redor a qualquer momento. Tal fato tem influência significativa em seu modo de ser e de estar no mundo, AUGRAS salienta a importância da

manutenção do território e afirma que “em nenhum outro campo a transgressão dos limites acarreta mais dores e sofrimentos” (1978, p. 40).

A necessidade do convívio com seres de sua espécie foi uma das razões que motivava sua fuga, o que remonta a importância da coexistência no mundo ressaltada pelo pensamento heideggeriano de que “estar só é estar privado do outro, num modo deficiente da coexistência” (AUGRAS, 1978, p.56). Nessa relação, o personagem encontrava a plenitude como ser, pois conseguia compreender os outros ao seu redor mesmo sendo sujeitos diferentes era possível a compreensão entre si. Essa coexistência faz parte da construção do ser como sujeito, na qual é preciso conhecer o outro para conhecer a si próprio. No convívio com os demais, o sujeito consegue se distinguir e se encontrar simultaneamente, e é isso que possibilita a compreensão do ser no mundo, como afirma AUGRAS, “a compreensão de si fundamenta-se no reconhecimento da coexistência e ao mesmo tempo constitui-se como ponto de partida para a compreensão do mundo” (1978, p. 56).

Assim como existe o tempo social, tem-se o tempo biológico, ambos construídos de acordo com a sociedade vigente, porém, cada indivíduo tem seu tempo interior o qual, muitas vezes, pode ser totalmente diferente dos demais. Sabe-se que o tempo biológico é caracterizado como um processo no qual se caminha em direção à morte, nesse processo o sujeito se vê a passar por eventos importantes e próprios de cada estágio da vida, como a procriação, pois “o mais agudo prazer é encontrado numa atividade biológica essencialmente fundamentada no futuro, a procriação” (AUGRAS, 1978, p. 34.) O tempo social remonta ao que é determinado socialmente em relação a como o indivíduo deve agir perante si e perante aos outros. É partir desse tempo que se formam os costumes, tradições e padrões comportamentais. Pode-se dizer que o personagem central aceita seu papel social e vive em prol da procriação de sua espécie, onde o tempo social e biológico tornam-se interconectados.

Outros aspectos que demonstram importância no campo fenomenológico são ressaltados constantemente na história de Clarice Lispector, como a relação do personagem com seu corpo. O coelho tem uma representação de si próprio construída a partir da concepção que se tem de natureza de coelho e natureza de humano. O personagem duvidava de sua capacidade e ressaltava a dos meninos, quando na verdade é demonstrado que consegue ter muitas ideias, se mostrando inteligente para conseguir fugir da gaiola sem que nenhuma pessoa – que por ser pessoa deveria ser mais inteligente- descobrir como. Isso remonta o fato que a percepção do próprio corpo é fragmentada e, muitas vezes, é mais fácil ver a totalidade do outro do que a de si mesmo.

Tais afirmações compreendem que “o corpo e a sua imagem são fenômenos eminentemente sociais” (AUGRAS, 1978, p. 46). Ou seja, são construídos de acordo com a sociedade no qual está inserido, que por sua vez afirma que “coelho tem muita dificuldade de pensar, porque ninguém acredita que ele pense. E ninguém espera que ele pense. Tanto que a natureza do coelho até já se habituou a não pensar” (LISPECTOR, 1999, p.6). Assim sendo, Joãozinho tem uma ideia de si com base no que a sociedade afirma em relação aos coelhos, e é essa imagem que ele remonta sobre si, tanto que

quando consegue pensar e ter ideias se surpreende consigo mesmo pois está indo contra ao que seu contexto social afirma : “— Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma idéia tão boa que até parece idéia de menino!” (LISPECTOR, 1999,p.5).

Pode-se, ainda, observar que certas partes do corpo do coelho são ressaltadas na história como seu nariz e sua aparência, esse realce também influencia a concepção de Joãozinho sobre si, uma vez que atribuem uma determinada função para seu nariz e trazem consigo uma glorificação de sua aparência – como se sua aparência fosse seu ser, o único motivo para as pessoas gostarem dele-, como demonstrados no trecho: “Aquele coelho, então, nem se precisava ser parente para gostar dele. Vou te dizer: Joãozinho tinha cara de bobão e era lindo” ( LISPECTOR,1999,p.12). Tal aspecto remonta a idéia da supervalorização do corpo na atualidade, o que dificulta uma visão de totalidade do individuo.

Através desse processo de transformações e conflitos se constitui o autoconhecimento, o qual, por sua vez, possibilita o indivíduo a construir sua “obra”. O indivíduo tornou-se autor de sua própria obra ao ser capaz de superar esse processo de criação e significar sua vida à medida que se conhecia como sujeito, uma vez que é sabido que “existir é transformar-se” (AUGRAS, 1978, p. 95). Assim sendo, pode-se afirmar que Joãozinho exerceu seu poder de construção do ser, uma vez que “a obra aberta da compreensão do existir humano necessita ser participação, transmutação e exercício da liberdade” (AUGRAS, 1978, p. 96).

#### 4. CONCLUSÃO

Com o presente trabalho desenvolvido, foram identificadas as condutas do sujeito as quais refletem seu modo de relacionar-se consigo mesmo e com o ambiente no qual está inserido. De acordo com suas condutas e vivências, com embasamento na teoria fenomenológica, foi possível mensurar aspectos importantes de como o ser modifica e é modificado pela sua situação. Através desses aspectos, foi proporcionado um desenvolvimento saudável na construção do ser, sendo imprescindível a compreensão do outro como etapa de sua individuação.

#### 5. REFERÊNCIAS

- AUGRAS, M. **O Ser da Compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LISPECTOR, C. **O Mistério do Coelho Pensante**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- TENÓRIO, C.M.D. A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica–existencial. **Universitas Ciências da Saúde**, 01(1) ,p. 31-44, 2009.